

APRESENTAÇÃO

Cuidar do tempo: arte e (des)aceleração

Talvez nos seja permitido ainda voltar à intuição fundamental da arte enquanto hipótese de suspensão do tempo.

Em grande medida, é isso que nos move ao propormos à consideração do leitor este número 53 dos *Cadernos de Literatura Comparada* que tem por título “Cuidar do tempo: arte e (des)aceleração”.

Dir-se-ia que a arte – apesar da sua manifesta historicidade – tem por vocação uma experiência fundamental que visa resgatar, numa espécie de lance único, o tempo, ou, interrogando a sua substância, a própria ontologia que o tempo (essa palavra tão difícil) define.

Talvez nos seja permitido recuperar o tempo (entretanto perdido), ou, porque a arte é sempre interrogação do tempo (nas suas acepções ontológicas e fenomenológicas), colocá-lo entre parênteses (torná-lo acessório, reivindicar o que o precede ou o que ele esconde). Saber que tudo permanece numa quietude de eternidade em movimento, e que o tempo das nossas proposições não altera o sentido das nossas proposições.

Talvez nos seja possível dizer o tempo da *revelação*, esse lugar em que todos os tempos se reúnem:

Time present and time past
 Are both perhaps present in time future
 And time future contained in time past.
 If all time is eternally present
 All time is unredeemable.
 (T.S. Eliot, *Four Quartets*, Burnt Norton, I)

Talvez nos seja permitido riscar a palavra *suspeita* – que parece tingir todo o pensamento, toda a sensibilidade moderna – e pretender a “suspensão da descrença” (como Coleridge, como Borges), descrença que, afinal, é o outro nome da enfática *suspeita* moderna.

Talvez suspender o tempo e suspender a descrença (moderna) sejam realizações semelhantes, afectadas pela mesma procura, pelo mesmo desígnio.

Talvez, e numa outra tradução, nos seja permitido dizer como Seamus Heaney, “The end of art is peace” (“The Harvest Bow”¹).

Sim, na intensa procura daqueles que se afadigam sobre signos gastos, signos comuns do desespero a que chamamos palavras, talvez se instale uma hipótese de pacificação – e tal experiência será um precioso avatar da suspensão do tempo procurada.

Em rigor, podemos dizer com Paul Virilio que o mundo moderno é o mundo da guerra, que a guerra é também a sua metáfora, e que a arte exige de nós a activação e a consagração de uma contra-modernidade em que a desaceleração corresponde à plena diluição do poder da guerra: o poder da sua denotação, mas também o poder da sua conotação. Ser moderno é ser um *war baby*. É assumir, como nos ensinou Virilio, que “os alemães chegaram a Orléans” (1998: 16), ou, como quis Kaváfis, reforçando subtilmente a iminência do encontro, que os bárbaros chegarão a qualquer momento, e que os esperamos, sabendo que não podemos evitar a imorredoura espera dos bárbaros.

Nessa espera estará talvez a solução de toda a arte que reclama, em simultâneo, a obediência e a resistência, como nos dirá ainda Paul Virilio (1998: 20). Tal como Jacob em luta com o anjo.

Cuidar do tempo, pois. Sobre os escombros de uma existência em crise, de uma existência depois do fim do mundo, descobrir que o tempo nos foi legado como o infigurável que exige de nós a sua figuração, que ele se tornará tão aparente nas nossas construções e destruições que poderemos, agonisticamente, esculpi-lo, tomá-lo, qual matéria dúctil e domiciliável (plena de som e sentido), nas nossas mãos soberanas e livres.

Os artigos que constituem este novo número dos *Cadernos de Literatura Comparada* apresentam variadas faces de como a arte propõe experiências de resgate do tempo. Não por acaso, há uma referência bibliográfica comum e assaz pertinente às questões discutidas. Trata-se de obras do sociólogo Hartmut Rosa que vem pensando densamente a vivência da aceleração na sociedade contemporânea. Em entrevista a Bjørn Schiermer, Rosa expõe exatamente um ponto de vista que é discutido ao longo deste volume, ao estabelecer a ligação entre experiências do tempo e existência:

O problema é que [...] o processo de aceleração e crescimento incessante, começou a mostrar o seu lado ruim. Assim, no nível coletivo, parece que destruímos o mundo que queremos disponibilizar: [...] No nível individual, existe o perigo de o mundo ficar mudo, surdo e silencioso para nós sujeitos. Quando olhamos para a história cultural, sempre foi o grande medo da modernidade que o mundo em que vivemos morra de alguma forma para nós; que comece a parecer desencantado, frio, indiferente, talvez hostil, como Albert Camus percebe; que estejamos profundamente alienados dele. (Rosa 2019: 13)

Os autores ora reunidos, oriundos de diferentes contextos de produção académica, levam adiante essa reflexão, ao indagarem, com perspectiva comparativa, como a literatura, o cinema e outras manifestações artísticas pensam o tempo e expõem estratégias que possibilitam ao leitor ou ao espectador uma outra relação com o mundo. Assim, intentamos articular os diferentes estudos de modo a haver uma certa progressão no desenvolvimento das abordagens teóricas e analíticas, envolvendo diferentes manifestações estéticas que, de alguma forma, cruzam-se com o pensamento literário.

Para abertura do dossier temático, Camille Deschamps Vierø, a partir exatamente de Hartmut Rosa, Paul Virilio e Mikhaïl Bakhtine, interroga a relação de duas figuras referenciais do pensamento ambientalista norte-americano, Henry David Thoreau e Aldo Leopold, com o tema da aceleração e o desaparecimento de janelas temporais possibilitadas pela interação com o não humano, em perspectiva muito atual da abordagem ecocrítica. Já o segundo autor, Bruno Trentini, a partir também da sociologia da aceleração de Hartmut Rosa e da filosofia da percepção de Bence Nanay, discute “as vantagens do tédio esportivo”, como resistência à “hiperatividade” e ao “desejo de rentabilidade do público”, promovendo reflexão bastante acurada para o campo da filosofia da arte e da teoria da recepção contemporâneas.

Esses dois primeiros artigos deveras instigantes para pensarmos a experiência estética hoje abrem caminho para um conjunto de estudos que vão se deter especialmente sobre o cinema contemporâneo, traçando algumas relações que serão importantes igualmente para pensarmos a questão da imagem nos textos literários. Dessa forma, Louise Ibáñez-Drillières trata dos “cinémas de la patience” como ecologia da percepção. Apresenta o conceito de “patience cinématographique”, elaborado pelo contato com um *corpus* fílmico hispânico e hispano-americano. Essa noção de paciência ganha a relevância de um conceito ético, estético e político, ao transformar o modo como recebemos determinadas formas artísticas, transformando igualmente nosso modo de percepção do mundo.

O artigo seguinte de Andressa Silva Sousa e Emanuel Cesar Pires de Assis, ao analisar a distopia *Fahrenheit 451* (1953), de Ray Bradbury, defende que, “em uma sociedade dominada pelo Totalitarismo Dromológico, obras literárias e leitores encontram-se sob constante ameaça, uma vez que estes se configuram como obstáculos para o fluxo acelerado”. Ao propor a discussão sobre o estatuto do tempo nas sociedades modernas a partir das narrativas distópicas, os autores igualmente convocam referências pertinentes – como Rosa, Bauman e Virilio – e apresentam um interessante aporte reflexivo ao abordar um problema contemporâneo e global.

A necessidade da desaceleração em arte é o eixo do texto de Leonardo Marques Kussler e Marina Lorenzoni Chiapinotto voltado para a análise do filme *Dias Perfeitos*, de Wim Wenders. A reflexão desenvolvida ajuda o leitor a compreender melhor determinadas noções filosóficas relacionadas à temporalidade cinematográfica e à discussão cada vez mais premente de desacelerar o ritmo existencial marcante da vida atual.

Sobre o cinema brasileiro, Pablo Pamplona e Ana Carolina Valim analisam duas obras clássicas: *Eles não usam black-tie* (1981) e *O homem que virou suco* (1980), “para discutir os usos do silêncio, compreendido enquanto desaceleração da palavra, na estética própria do cinema”. Valendo-se de abordagem multidisciplinar (sociologia do tempo, psicanálise e crítica da arte), avaliam o silêncio como experiência temporal, relacional e estética, nas memórias sobre a classe operária marcantes nesses dois filmes. Nas duas obras, as abordagens narrativas em sintonia com os movimentos de câmera denunciam silêncios múltiplos e simultâneos: fome, pobreza, violência, misoginia, analfabetismo, “fake news”, destruição de reputações, autoritarismo, exploração do trabalho, traição e peleguismo, entre outros lutos.

Ainda no campo da narratividade fílmica, Allan Kayan Dias Carneiro e Gilberto Freire de Santana empreendem uma leitura da obra cinematográfica *Mato seco em chamas* (2022), de Adirley Queirós e Joana Pimenta, “tendo em vista o esclarecimento das representações da realidade contemporânea brasileira presentes no filme”, o que possibilita debater, no campo da produção estética contemporânea, as relações entre ficção e realidade; estética e política.

Em relação à adaptação de textos literários para séries televisivas, Enéias Tavares analisa, como enuncia, “a primeira temporada da adaptação televisiva *Entrevista com o Vampiro* (AMC, 2022), de Rolin Jones e Mark Johnson, em contraste com o romance homônimo de Anne Rice (1976), a partir da noção das ideias de desaceleração do tempo e da materialidade da memória”. O artigo articula teoria social, crítica literária e estudos de adaptação para aplicar o conceito de ressonância à análise audiovisual. Evidencia, com pertinência, como técnicas de desaceleração (planos longos, silêncios, objetos analógicos) reconfiguram a experiência temporal do espectador.

Sobre poesia, Cristiano de Sales analisa o poema “Capim”, do livro *Assim* (2019) do brasileiro Leonardo Fróes, valendo-se sobretudo da filosofia de Didi-Huberman. O autor considera “que a poesia temporaliza outras formas de vivenciar as ressonâncias com o mundo, descontinuando, assim, a hegemonia discursiva de que o tempo deve ser vivido aceleradamente dentro de uma ordem social mobilizada pelo consumo desenfreado”. A partir da perspectiva da ecologia poética, o analista busca demonstrar uma relação diversa entre o homem e a natureza em radical alteridade, propondo outros modos de vivências da espessura do tempo.

O artigo seguinte, assinado por Annita Malufe, vai nessa mesma direção de evidenciar camadas de tempo, articulando literatura, artes visuais, mitologias ameríndias e filosofia contemporânea. Seu estudo trata da “obra verbo-visual de Sérgio Medeiros, poeta e artista visual brasileiro, com o objetivo de mostrar sua fabulação de novos tempos e espaços. Para tal, busca-se narrar a gênese de alguns aspectos de sua poética, como o trabalho com o gesto caligráfico e a criação dos ‘glifos silvestres’ – que culmina em uma arte ambiental, ritual, performática –, a partir do diálogo com as filosofias de Henri Bergson e de Deleuze e Guattari”. O trabalho inovador de Medeiros contempla a criação de “objetos-ambientes, que são também poemas”, motivadores de novas experiências temporais.

Renata de Oliveira Batista Rodrigues detém-se nas produções literárias do escritor brasileiro Allan da Rosa, “com um fazer literário que resgata memórias e invoca a ancestralidade como forma de (re)existência”. Como explica a autora, “*Morada* é uma publicação de novembro de 2007, das Edições Toró, que contém fotografias de Leonardo Martins Galina, que assina como Guma, e poemas de Allan da Rosa. Este chega a dizer que ‘O livro é de fotos. Texto é mero convidado’. Entretanto, o diálogo entre a ‘poesia escrita’ e a ‘poesia capturada pela lente das câmeras’ promove o entendimento de imagem alcançando o real, assim como postulou Georges Didi-Huberman”.

No artigo de Giulia Benincasa, o foco é a análise da obra *Desterro* (2019), da brasileira Camila Assad, a partir do diálogo com as ideias de Walter Benjamin, com a discussão sobre “memória individual e memória social”, estabelecendo sua relação com a cidade e o coletivo,

e o conceito “Flâneuse”, desde a criação do termo de Benjamin ao debate atual sobre o tema.

Já Paulo Sales, no artigo seguinte, desenvolve análise de uma obra poética de Golgona Anghel, *Nadar na piscina dos pequenos* (2017), “sobretudo em poemas cujas imagens construídas podem ser pensadas criticamente por meio da perspectiva da ‘sociedade do cansaço’, de Byung-Chul Han (2017)”. Defende que “O tom desencantado e sarcástico, bem como a dicção risível, embora melancólica, presentes nos poemas do livro marcam o posicionamento ético da poeta frente às imposições da vida apressada da sociedade neoliberal”.

Monica Figueiredo parte do conceito de memória cultural para pôr em diálogo *Todos os Nomes* (1997), de José Saramago, e *Que Importa a Fúria do Mar* (2013), de Ana Margarida de Carvalho. Segundo sua perspectiva, o que importa destacar é “o papel da ficção como instrumento hábil na luta enfrentada com o tempo e com a ameaça de esquecimento/apagamento destinados aos que, pela História, passam como anônimos, marcados por uma suposta precariedade existencial que os condena ao silêncio da memória”. A leitura cruzada desses dois romances constitui uma discussão bastante produtiva sobre a arte em confronto com as formas de desumanização impostas pelo cotidiano.

No campo da literatura infanto-juvenil, Camila Alves de Melo e Marília Forgearini Nunes analisam o texto verbo-visual de duas obras de literatura infanto-juvenil, *A alma perdida* e *Um senhor notável*, de Olga Tokarczuk (Prêmio Nobel de Literatura) e Joanna Concejo (ilustradora e ceramista), “a fim de refletir sobre a problemática da aceleração na contemporaneidade, com especial atenção às formas de endereçamento ao público ao qual se destinam: às crianças e jovens”. Trata-se de interessante abordagem crítica de obras de relevância no cenário contemporâneo da produção literária infantil e juvenil, a partir de uma leitura conjuntiva de seus aspectos verbais e visuais, tomados como um mesmo enunciado verbo-visual.

O dossier encerra com o artigo bem original de Marina Baltazar e Roberto Said que propõem uma reflexão sobre o bordado e outras práticas têxteis como formas sensíveis de memória e resistência nos modos de produção do conhecimento. Assim, demonstram uma forma de leitura visual dos bordados a partir dos quipus peruanos, trabalhados e ressignificados pela escritora chilena Cecilia Vicuña, articulando temporalidades distintas.

Por fim, na seção *Vária*, publica-se um artigo que traz ao leitor a poesia da Ana Luísa Amaral, poeta que soube atravessar e reunir temporalidades poéticas diversas. De autoria de Rita Costa, sob o título “‘Traz-me só café’: A Revisitação do Mito de Salomé em Aubrey Beardsley e em Ana Luísa Amaral”, o estudo propõe a análise do poema “Salomé Revisitada” (2011), de Ana Luísa Amaral, em diálogo com ilustrações da autoria de Aubrey Beardsley concebidas no âmbito da publicação em inglês da peça *Salome* (1893), de Oscar Wilde. A perspectiva da análise valoriza a questão da sexualidade e da identidade de gênero a partir da teoria queer.

Como o leitor facilmente constatará, trata-se de um número rico na abordagem teórica do tempo e muito provocativo sobre experiências da aceleração e desaceleração envolvendo diversos objetos estéticos, em nossa contemporaneidade. A leitura atenta deste conjunto largo de estudos possibilitará também, em meio ao ritmo cada vez mais descontrolado da vida quotidiana, momentos de reflexão que exigem novas percepções de nosso mundo,

performatizando, de certa maneira, o tema que deu origem a este volume dos *Cadernos de Literatura Comparada*.

Uma palavra final de agradecimento aos leitores especiais de Universidades de diversos países que avaliaram os muitos artigos submetidos, analisando com muita pertinência a contribuição reflexiva de cada um, além de darem sugestões valiosas para a depuração dos estudos agora oferecidos aos demais leitores.

Ida Alves
Luís Quintais

NOTAS

* A ortografia é da responsabilidade dos/as autores/as.

¹ O poema integral pode ser lido em <https://www.ibiblio.org/ipa/poems/heaney/the_harvest_bow.php> (último acesso em 20/11/2025).

Bibliografia

Rosa, Hartmut (2019), “Aceleração e ressonância: entrevista com Hartmut Rosa”, entrevista feita por Bjørn Schiermer, tradução por Alberto Luís Cordeiro de Farias, Blog do Sociofilo: 1-14. <https://blogdolabemus.com/wp-content/uploads/2019/06/Acelera%C3%A7%C3%A3o-e-resson%C3%A2ncia_Entrevista-com-Hartmut-Rosa_PDF.pdf> (último acesso em 20/11/2025)

Virilio, Paul (1998), *The Virilio Reader*. Ed. James Der Derian, Oxford, Blackwell.